



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

LUIS FELIPE DIAS FERREIRA

(depoimento)

2016

CEME-ESEFID-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-739

Entrevistado: Luis Felipe Dias Ferreira

Nascimento: Não informado

Local da entrevista: Ipatinga – Minas gerais

Entrevistadoras: Pamela Siqueira Joras e Rejane Penna Rodrigues

Data da entrevista: 17/10/2016

Transcrição: Ian Massumi Carneiro Ogawa

Copidesque: Ian Massumi Carneiro Ogawa e Natália Bender

Pesquisa de Termos: Natália Bender

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 13 minutos e 12 segundos

Páginas Digitadas: 7 páginas

Observações:

Entrevista realizada para o projeto *Memórias do Programa Esporte e Lazer da Cidade/Vida Saudável* desenvolvido pelo Centro de Memória do Esporte.

* Esse documento tem como base as orientações do “*Manual prático para esclarecimento de procedimentos básicos a serem realizados nas entrevistas*” versão de 2016, desenvolvido pelo GRECCO – Grupo de Estudos em história, Cultura e Esporte, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O LECCORPO realizou algumas alterações de formato.

O Projeto Garimpendo Memórias está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins de pesquisa acadêmica, extensão e ensino, esta entrevista de cunho documental e histórico. É permitida a citação, no todo ou em parte, desde que a fonte seja mencionada.

Como citar: FERREIRA, Luis Felipe Dias. Entrevista concedida por Luis Felipe Dias Ferreira ao Projeto Garimpendo Memórias. Entrevistadoras: Pamela Siqueira Joras e Rejane Rodrigues. UNIVASF, UFRGS, Ipatinga (MG), 17 out. 2016, 10.p.

Sumário

Formação em Educação Física; Trabalho como motorista; Envolvimento com esporte; Programa Esporte e Lazer da Cidade; Projeto piloto de Ipatinga; Atuação como agente social; Esporte e Lazer; Capoeira; População atendida pelo Programa Esporte e Lazer da Cidade; Envolvimento com o Programa Esporte e Lazer da Cidade; Avaliação do Programa Esporte e Lazer da Cidade.

Ipatinga, 17 de outubro de 2016. Entrevista com Luis Felipe Dias Ferreira a cargo das pesquisadoras Pamela Siqueira Joras e Rejane Penna Rodrigues para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

P.J – Felipe, queria te agradecer pelo teu tempo e eu gostaria que você começasse falando um pouquinho da tua formação e como é que tu te envolveu com a área do esporte e do lazer.

L.F – Sou formado em Educação Física desde 2011 e não é questão de não pretender trabalhar na área, eu achei que eu ia ficar bem afastado da área durante um período grande porque eu sempre fui motorista, motorista de caminhão e de ônibus. Então quando eu me formei eu já era casado, já tinha filho, então, essa luta do educador físico, de academia aqui, umas horinhas aqui, outra ali, eu achei que não ia pagar minhas contas com isso, e aí continuei, me formei e continuei trabalhando como motorista e meio que larguei, tipo assim, na hora que der, deu. Isso foi em 2011. Quando foi em 2014, apareceu uma oportunidade, alguém me indicou para conversar com o Cláudio¹ e com o Carlos Magno² para fazer uma entrevista. Aí eu vim, fiz entrevista meio que despreziosa e acabou que eles gostaram do perfil, me chamaram e eu estou aqui até hoje. Primeiro... Aí, tipo assim, eu já tive experiência com futebol, trabalhei no Ipatinga Futebol Clube durante cinco anos antes da formação e após a formação também continuei trabalhando no clube.

P.J – Onde é que tu fez a tua formação?

L.F – O curso?

P.J – É.

L.F – Faculdade de Pitágoras, aqui mesmo em Ipatinga.

¹ Claudio Gualberto.

² Carlos Magno Xavier Corrêa.

P.J – E como é que foi esse teu primeiro envolvimento com o PELC³? Quais atividades tu desenvolvia?

L.F – Quando, ainda na minha graduação, eu escutava muita gente que, na época, tinha trabalhado como agente, falavam muito bem, mas eu não conseguia assimilar o que que era o PELC, aquela coisa toda... Quando eu vim para a Prefeitura depois de um ano, um ano e meio mais ou menos que eu já estava na Prefeitura. Aí aconteceu de ter uma redução e a pessoa que seria a coordenadora geral foi demitida e eu já entrei no processo com o bonde andando em alta velocidade, e aí eu tive que administrar e conseguir captar o maior número de informações possíveis e aí que eu fui entender o que que era, para que que era, para quem que era.

P.J – E como começou a tua formação em relação ao conhecimento do PELC mesmo, relação aos núcleos, as atividades envolvidas? Quantas pessoas, mais ou menos, trabalhavam quando tu entrou?

L.F – Quando eu entrei? Quando eu entrei a equipe já estava pronta, eram sessenta agentes estagiários, dez coordenadores e um coordenador pedagógico.

P.J – E hoje como está o funcionamento?

L.F – Eu acredito que hoje nós estamos no ápice do Programa, tudo assim, o mais redondo possível, não tem reclamação de falta de material, conseguimos sanar tudo no decorrer do Programa, entendeu? Tem um, teve um processo... Um período agora que foi um pouco conturbado por causa da eleição que aí você não podia contratar agentes, aí ficou alguns núcleos desguarnecidos, mas a gente conseguiu, com horas de um que sobrava aqui, completar. Então hoje eu acho que a gente está no melhor momento do Programa em Ipatinga. Atendimento, mais ou menos, umas cinco mil e quinhentas pessoas. O teto seria de quatro mil. Já passamos mais de cinco mil atendimentos.

P.J – E em quantos núcleos estão distribuídos?

³ Programa Esporte e Lazer da Cidade

L.F – Dez núcleos.

P.J – Dez núcleos ainda?

L.F – Dez núcleos, entre aspas, vinte subnúcleos. Seriam, mas na realidade, nós temos dez núcleos, vinte subnúcleos e mais umas quinze extensões.

P.J – E como estão distribuídas essas atividades de vocês, mais ou menos? As principais.

L.F – Distribuídas? Como assim? As atividades em si?

P.J – Isso.

L.F – Eu acredito que poderia ter um pouco mais de atividade fora do esportivo, porque nossa intenção quando começou era capoeira, era percussão entendeu? Eu achei que seria um pouco mais diversificado, mas a maior parte das atividades é focada no esporte. Mas tipo assim, temos percussão, mas não do jeito que imaginávamos no início, a capoeira não conseguimos...

R.R – E por que que tu acha que deu essa diferença? Por que a demanda da comunidade é outra? Por que vocês não têm os oficinairos, agentes adequados?

L.F – A dificuldade na questão foi a falta de agente mesmo, porque no início estava tudo pronto, os núcleos de capoeira, onde seriam, os de percussão, onde seriam, mas não apareceu demanda de agente, os que apareceram agora no último processo seletivo, apareceram três, já foram encaminhados, mas eu acho poderia ser mais um pouco diversificado, fora do esporte e do lazer.

P.J – Fala um pouquinho para a gente como é que funciona esse processo de seleção de vocês?

L.F – É um processo seletivo e foi feito pelo primeiro... Se não me engano foi feito pelo IMAM⁴ que é o instituto responsável pelos processos da Prefeitura. O segundo agora foi feito direto na Prefeitura, a pessoa vinha, fazia o cadastro, comprovava a experiência dele com folder, com portfólio, alguma coisa que comprovava que eles sabem fazer aquela atividade. Aí foi feito o processo, foi feita a questão da... Como é que chama? Questão da nota, não é? De título! Questão de graduação, de mais experiência, aí foi feita a chamada de acordo. Aí de acordo com a colocação, a gente foi chamando, entrevistando. Nem sempre o primeiro colocado atendia a expectativa da gente. Fui eu que entrevistei o primeiro colocado em caratê, mas uma pessoa muito, como é que fala? Focada em rendimento, eu vi que ele não ia contribuir em nada, e aí acabou que ele não foi nem chamado, foi chamado o que estava em sexto, sétimo lugar, que era a pessoa que a gente atendia que era a questão da didática, do ensinamento, da consciência.

P.J – E qual o perfil dessas pessoas? Mais graduação? São mais pessoas da comunidade?

L.F – Mais pessoas da comunidade, tanto é que a gente não exigiu escolaridade. Entendeu? Quem tinha, tinha, quem não tinha, não deixou de ficar com a gente, tanto é que nós temos muitas senhoras do artesanato. Meninas novas de vinte e poucos anos que fazem curso de arquitetura e a mãe era artesã, e ela aprendeu, está com a gente no Programa.

P.J – Em relação aos locais, qual o impacto que tem sido, impacto social nesses locais que vocês atuam?

L.F – Acho que melhor impossível. Tem crianças que não, eu acho que ela nunca pensou na expectativa de com doze anos, onze anos em um... Até difícil até para o estagiário, com a gente, conseguir que a pessoa, a criança ela não tem aquele convívio com outras crianças, como é que fala? Social. O negócio deles era briga, era porrada, aquele negocio todo. E quando o PELC chegou na comunidade, parece que encaixou como uma luva sabe? Parece que a comunidade precisava e nós chegamos com o remédio para eles.

P.J – E quais foram as maiores dificuldades que vocês têm enfrentado?

⁴ Instituto Mineiro de Administração Municipal.

L.F – [silêncio] Hoje, graças à Deus, nenhuma. Mas no início, como foi feito, eu não sei como funciona bem essa questão de material, parece que fazem aquisição do material para depois chamar as pessoas. Então nós tivemos muita dificuldade com material de percussão, por exemplo, muito material de percussão, pouquíssimo material de artesanato. Às vezes material que não tinha necessidade depois do Programa iniciar. Porque talvez, se tivesse conseguido encaixar as pessoas, tinha desenvolvido melhor. Mas a maior dificuldade foi essa, foi a aquisição do material antes do Programa iniciar, porque se tivesse uma possibilidade de comprar depois do Programa, a gente saberia automaticamente a demanda né. Aí fica muito material ocioso, aí você tem que ficar improvisando algum tipo de material. Acho que a maior dificuldade que a gente teve foi essa.

P.J – E o que que tu destaca de positivo ou negativo neste programa, o PELC?

L.F – Positivo, tudo. Social, a inclusão. De negativo, é, não tem ponto nenhum de negativo no Programa. Muito pelo contrário, só positivo. Quando você chega nos núcleos e você vê professor fazendo campanha para conseguir tênis para um menino que não tem tênis, entendeu? Que ele quer jogar, mas aí não tem tênis, não vai jogar na quadra porque está quente, porque o pé machuca, queima o pé. Daí faz que todo mundo vem e faz aquele Programa, consegue o par de tênis, leva para as crianças. Talvez é o primeiro tênis que o menino conseguiu, com doze, treze anos, primeira vez que ele calçou um tênis.

P.J – Tem alguma ação ou algum núcleo ou algum ponto específico que tu destacaria, assim, que desenvolveu melhor aqui na cidade de Ipatinga?

L.F – [silêncio] Acho que a visita que vocês tiveram hoje no Parque Ipanema. A **Carmen**⁵ tem uma agente de dança que é a **Eidinha**⁶. Ela foge dos padrões de beleza. Ela é negra, do cabelo afro, gordinha, tanto que quem olha para ela assim não imagina nem o que ela faz. Mas a aula de dança dela, quando começou, antes o pessoal olhava meio que com preconceito, não tinha... Quando ela começou a dar aula, hoje, ela tira uma foto da aula dela assim tem sessenta, setenta pessoas fazendo a aula dela. Então, eu sempre destaco ela por causa disso porque nas aulas delas todo mundo chegava lá, às vezes não dava nada,

⁵ Nome sujeito a confirmação.

⁶ Nome sujeito a confirmação.

tipo: “não vou fazer aula com essa menina, ela está pior que eu, mais gorda que eu, vai me ajudar em quê?” Eu sempre passo no Parque Ipanema as sete horas da manhã sempre tem sessenta, setenta senhoras assim fazendo a aula dela, eu acho que foi a maior evolução do problema foi ela.

P.J – E quais são as pessoas que são mais atendidas? São mais crianças? Mais adultos? Mais senhoras?

L.F – Mais crianças.

P.J – Tu tem alguma pergunta para fazer?

R.R – A relação que é o coordenador geral, como é que se da a tua relação com os demais coordenadores?

L.F – Eu acho que eu sou muito amigo deles, sabe? Eu acho que eu deveria ser menos amigo um pouco, porque muito deles deixam a desejar em algumas questões igual, por exemplo, final de semana passado, um exemplo que eu vou dar, uma menina teve uma reclamação dela no início, depois teve de novo e o Cláudio já queria desligar. E eu: “Não, não faz isso não, vamos dar mais uma chance. A pessoa é boa, a pessoa precisa, a pessoa está precisando só de um estímulo.” Então, assim, eu acho que eu deveria focar mais é no Programa, pensar nos usuários, entendeu? Porque talvez ela realmente está deixando a desejar, então a minha relação com eles é muito de amizade, parceria, eu acho que não precisava chegar a tanto, poderia ser menos um pouquinho e mais profissional e eu não consegui ainda chegar nesse nível de profissionalismo de “ter que desligar, então vamos desligar e chamar outra para ser melhor.” Eu acho que a pessoa sempre tem alguma coisa melhor para mostrar, mesmo que ela já tenha tido uma oportunidade, ou duas, talvez a gente não achou o lado de estimular ela.

P.J – E em uma opinião mais pessoal, assim, o que que na tua opinião poderia ser feito para qualificar mais ainda o PELC?

L.F – [silêncio] Eu virei um fã incondicional do PELC, eu acho que a formação que tem, eu acho que se ela pudesse ser maior um pouco, se estender talvez, em vez de dois, três dias, ser uma semana inteira para poder vivenciar as experiências... Dois, três dias é muito pouco.

R.R – A gente já iniciou dessa maneira, mas era muito cansativo, e as pessoas, os agentes, nem sempre eram totalmente dedicados ao PELC, então eles acabavam não participando...

L.F – Ah, entendi!

R.R – De todas as atividades. Então se deu um enxugamento justamente para que essas reuniões de vocês do cotidiano, trazendo às vezes um formador especial, não a formação oficial, desse conta do processo da melhoria da formação.

L.F – Uma coisa que eu achei, e talvez não sei se é novidade, é esse PELC Vida Saudável, esse EAD⁷, não é? Talvez pudesse ter mais frequência, bem bacana.

P.J – Tem mais alguma coisa que a gente não perguntou e tu gostaria de comentar?

L.F – [silêncio] Nada

P.J – Era isso? Então é isso, muito obrigada.

[FINAL DA ENTREVISTA]

⁷ Ensino à Distância.